



António Reis Cabrita,  
secretário-geral do CIALP

Texto > Paula Braga  
Fotos > Bruno Barata

# Arquitectos lusófonos com

O Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa (CIALP) foi criado numa perspectiva de fomentar o intercâmbio entre os arquitectos que comungam a mesma língua (o português) e a mesma linguagem técnica (a arquitectura). Uma década depois ainda muito há a fazer.

**N**uma primeira fase, o CIALP contou com a participação de Portugal, um dos grandes impulsionadores da iniciativa através da Ordem dos Arquitectos, então conhecida como Associação dos Arquitectos Portugueses, do Brasil, outro expoente máximo na concentração de profissionais desta área, e de representantes de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe. Posteriormente, foi aprovada a candidatura de Macau e Timor-Leste.

Presentemente, o CIALP congrega mais de 90 mil arquitectos, representados pelas respectivas Ordens ou Associações Nacionais de Arquitectos, de um universo populacional de 200 milhões de pessoas. De acordo com os estatutos, o principal objectivo prende-se com o incentivo à realização de actividades conjuntas entre as associações nacionais e respectivos membros desta importante comunidade e fomentar o desenvolvimento de encontros periódicos temáticos que contribuam para a troca de experiências, conhecimento mútuo e debate de assuntos ligados à arquitectura, ao património histórico e sua recuperação, problemas das populações, novas metodologias de actuação a diferentes níveis e um vasto conjunto de problemáticas que preocupam os profissionais desta área.

Até ao momento realizaram-se nove encontros. O primeiro aconteceu em Portugal (Lisboa - 1991); Cabo Verde (Cidade da Praia - 1993); Portugal (Lisboa - 1994); Brasil (Salvador da Baía - 1995); Guiné-Bissau (Bissau - 1996); Angola (Luanda - 1998); Macau (Macau - 1999); Moçambique (Maputo - 2001) e Brasil (Rio de

Janeiro - 2003). Nestas iniciativas, associada ao seminário temático, realiza-se, por norma, a Assembleia Geral Ordinária, exposições de arquitectura, livros técnicos e visitas guiadas a determinados pontos de interesse.

### **Complexidades de uma cooperação multilateral**

O CIALP, apesar da sua maturidade existencial, apresenta alguma falta de dinamização a nível prático. Há muitas iniciativas pensadas, aprovadas e prontas na rampa de lançamento, mas carecem, como sublinha António Reis Cabrita, secretário-geral do CIALP, de "financiamento e apoio a diferentes níveis para avançarmos com os projectos. Agrupada a esta dificuldade, deparamo-nos também com as complexidades de uma cooperação multilateral que envolve países tão distantes como Timor e Brasil".

O arquitecto Reis Cabrita está, no entanto, optimista na prossecução do trabalho. Até ao momento, além dos nove encontros realizados, o CIALP possui, desde 1994, um boletim trimestral para facilitar a comunicação entre os membros dos diferentes países, cuja edição já ultrapassou as três dezenas. Para futuro, esta importante plataforma de diálogo e cooperação lusófona no âmbito da arquitectura visa instituir um prémio de arquitectura e incentivar a criação de uma rede de universidades lusófonas que valorizem as questões relacionadas com a arte de bem projectar e sirva de elo de ligação entre os cinco continentes, promovendo um diálogo mais abrangente entre a vasta legião de interessados. "Evidentemente

que cada país tem diferentes níveis de desenvolvimento e enquanto uns têm mais de 20 cursos de arquitectura, outros, porém, não tiveram oportunidade de criar condições para aumentar a oferta e, portanto, dispõem hoje de um único curso de arquitectura, como é o caso, por exemplo, de Cabo Verde, Angola e Moçambique. Com a criação desta rede universitária, temos possibilidade de colaborar na melhoria e aperfeiçoamento do ensino promovido por estas plataformas pedagógicas e contribuir decisivamente para a valorização profissional tanto dos professores como dos alunos", sublinha Reis Cabrita.

No último ano, a Arquitrave - Associação de Arquitectos de Moçambique financiou a criação de um site na internet, cujo endereço é [www.cialp.uninet.co.mz](http://www.cialp.uninet.co.mz)

Agendado está também a criação de um dicionário técnico de arquitectura e urbanismo dos PALOP, abrangendo possivelmente áreas como engenharia e construção. O CIALP tem ainda todo o interesse, realçou o secretário-geral, em fornecer apoio legislativo aos PALOP para que sejam utilizados como referência na criação de Associações ou Ordens de Arquitectos. "Cabo Verde beneficiou deste apoio e neste momento tem uma Ordem de Arquitectos muito semelhante à portuguesa e Angola está também empenhada em que a sua Associação passe a ser reconhecida como Ordem", refere o arquitecto.

Para este profissional, não há dúvidas que o futuro é promissor porque o potencial humano que faz parte das Associações e Ordens de Arquitectos que integram o CIALP estão altamente motivadas e empenhadas em cumprir os objectivos a que se propuseram. Pese embora a debilidade financeira que caracteriza as estruturas multilaterais lusófonas, acredito nos tempos vindouros", diz o secretário-geral do CIALP.

# projectos



Pedro Guilherme



Mário Rosário

## Ordem dos Arquitectos representada na Unesco

Ao longo de todos estes anos, a Ordem dos Arquitectos portuguesa tem investido fortemente na consolidação do CIALP e privilegiado a realização de iniciativas que visem aferir formas mais concretas de cooperar com os PALOP. Exemplo deste empenho foi o recente seminário promovido, em Lisboa, subordinado ao tema "Arquitectura: Plataforma de Cooperação e Desenvolvimento", e que contou com a participação de um grupo significativo de diferentes entidades portuguesas, e não só, que regularmente cooperam com os países de língua portuguesa, muito em especial com Moçambique.

A Fundação Calouste Gulbenkian, IPAD - Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, Comissão Nacional da UNESCO, OIKOS, UCCLA, Arquitectos Sem Fronteiras Portugal e a sua congénere da Catalunha, GERTIL e UIA - União Internacional dos Arquitectos foram algumas das entidades que apresentaram as suas experiências nestes países, em domínios ligados sobretudo à educação e à saúde. Neste espaço de encontro e debate, que contou com a partilha de diferentes experiências por cada uma das entidades, o arquitecto Pedro Guilherme, vogal da Ordem dos Arquitectos, e um dos organizadores desta iniciativa, teve oportunidade de recolher uma série de informações e conhecimentos úteis e aproveitou o momento para estreitar contactos com os participantes. "Deste seminário, cujo balanço foi muito pos-

itivo, há a destacar, para já, dois aspectos interessantes, nomeadamente o facto da Ordem dos Arquitectos estar agora representada no Conselho Consultivo da UNESCO, o que é uma mais valia muito significativa, pois deste modo poderemos proporcionar todo o apoio teórico e técnico aos PALOP que queiram apresentar candidaturas neste âmbito. Nós estamos também a estudar a viabilidade de fazer esta proposta ao CIALP, porque é do nosso interesse avançar para áreas ligadas ao património colonial português, com vista a propor um trabalho sério de inventariação que culmine na respectiva reutilização dos espaços. Outro dos pontos interessantes que podemos realçar desta jornada de trabalho foi a definição de actuações futuras e dar a conhecer que a arquitectura também é cultura. Independentemente das necessidades primárias destes países serem prioritárias, a arquitectura é também equacionada porque está ligada à construção de casas, à organização de cidades, por exemplo", sublinha o jovem arquitecto português, Pedro Guilherme.

Atendendo a que 2003 é o Ano Nacional da Arquitectura, a Ordem dos Arquitectos, bem como todos os membros do CIALP, poderão ainda estudar outras acções para dar a conhecer em 2004, no próximo encontro do Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa, que acontecerá possivelmente em Portugal, dado que a hipótese de acontecer em Cabo Verde está cada vez mais afastada. ■

## A sorte de um arquitecto e a expectativa de um presidente

O actual presidente da Junta Directiva do CIALP, Mário Rosário, é um dos poucos arquitectos moçambicanos que tem a sorte de exercer a profissão dos seus sonhos. Apesar de viver numa sociedade cuja maior prioridade passa pela sobrevivência de um povo, o arquitecto está confiante e diz, entusiasmado, que lentamente se assiste a um processo de mudança no país.

Mário Rosário, lamenta, no entanto, o facto dos restantes colegas de ofício estarem afastados da profissão. "A única Faculdade de Arquitectura de Moçambique, integrada na Universidade Eduardo Mondlane, já formou desde o início da década de 90 até à actualidade aproximadamente 170/180 profissionais da área, mas deste grupo possivelmente 25% exerce actividade, todos os outros são quadros do Estado ou estão a operar noutros campos".

O nível primário de desenvolvimento do país, com poucas infra-estruturas e espaços edificados, não contribui para a arte de bem criar projectos arquitectónicos nem urbanísticos. Ensinar arquitectura em Moçambique não é o mesmo que fazê-lo em Portugal ou no Brasil, por exemplo. E Mário Rosário reconhece essas limitações. "Ao sul do Shara não há os monumentos e as edificações que existem em Lisboa ou noutras grandes cidades, as únicas existentes remontam há, pelo menos, 150 anos atrás. Ensinar arquitectura sem contemporaneidade, não consolida o exercício pedagógico", explica o presidente do CIALP.

Com a criação do Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa, Mário Rosário, que fundou um pequeno gabinete de arquitectura na capital moçambicana há uma dezena de anos, denominado Arquiplan - Arquitectura, Planeamento, Lda, está mais confiante. Apesar de acreditar no projecto e nas virtuosidades destes intercâmbios de experiências entre os diferentes profissionais que comungam a mesma língua, Mário Rosário confessa que Moçambique necessita de apoios mais concretos, nomeadamente na área da formação e no incentivo a intercâmbios para que os estudantes de arquitectura possam conhecer outras realidades arquitectónicas. O actual responsável pelo CIALP, cujo mandato termina em 2004, chama a atenção para a necessidade de continuar a investir neste Conselho de Arquitectos, porque, apesar das distâncias entre os países e da carência de meios para implementar a maioria das ideias propostas ao longo destes anos de existência do CIALP, "vale a pena manter este elo de ligação, que embora custe caro e exija um esforço redobrado dos arquitectos envolvidos, funcionará sempre como uma experiência enriquecedora e positiva a diferentes níveis", conclui. ■